

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

## PÓST-HUMAN: CORPOS E IDENTIDADES, OS NOVOS OBJECTOS DO PLANO

Filomena Silvano

(Antropóloga, Universidade Nova de Lisboa)

"Notre chambre parisienne, entre ses quatre murs, est une espèce de lieu géométrique, un trou conventionnel que nous meublons d'images, de bibelots et d'armoires dans une armoire."

Paul Claudel

Bachelard (1957) cita o comentário de Paul Claudel que reproduzimos, depois de afirmar que em Paris não há casas. Ambos os autores dão conta da existência de um desajuste entre a casa imaginada e a casa vivida. Se considerarmos, como Raymond Ledrut (1979, 1990), que um "modo de espacialização" se situa no cruzamento antropológico entre o modo concreto dominante das práticas sociais, o modo dominante das representações colectivas e o modo dominante da realização do desejo, podemos falar da existência de um desajuste no interior das nossas espacialidades colectivas. As três modalidades de constituição do espaço - as práticas, as representações e a realização do desejo - não parece estarem adaptadas entre si <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Partindo de outros três níveis de análise - a morfologia, as práticas e as representações colectivas - Durkheim (1960) concedeu um papel particular ao espaço : o de fazer a mediação entre os três níveis citados. Ao estudar as transformações sociais associadas ao aparecimento das grandes cidades (passagem de uma solidariedade mecânica a uma solidariedade orgânica) concebeu também a possibilidade de desajustes conjunturais. Referindo-se ao pensamento de Durkheim, Remy comenta, a esse propósito : "En revanche, l'augmentation de la mobilité diminue les possibilités de fermeture. Lorsque la

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

Desde o início do século que assistimos a transformações radicais das técnicas de concepção e produção do espaço. Os novos sistemas político/económicos (concentração dos capitais), as novas condições da vida urbana (aumento da densidade populacional), as novas utopias sociais (sociedades igualitárias e unificadas) e os novos materiais e técnicas de construção (vidro e cimento armado) conduziram à criação de novas formas do *habitat*. Essas transformações, que podemos identificar tanto ao nível do projecto como ao nível do espaço construído, raramente foram acompanhadas de transformações compatíveis dos imaginários individuais e não foram acompanhadas por transformações globais do imaginário colectivo. Quando afirma que em Paris não há casas, Bachelard refere-se a um modelo de casa que deriva directamente das características antropológicas do abrigo. Não é um modelo universal, mas manifestou-se na longa duração e ainda hoje se mantém actuante. Organiza-se em torno de três componentes que são, segundo Ledrut, o interior, a verticalidade e a concentração, e por isso pode dizer-se que a casa imaginada era como "un monde dans le monde, et comme un nouveau corps" (Ledrut 1990 : 94) <sup>2</sup>.

---

porosité des limites grandit, les comparaisons réciproques se multiplient et le contrôle social antérieur devient caduc. On entre alors dans une situation anômique où progressivement se réinvente une autre forme de solidarité" (Remy 1991 : 41).

<sup>2</sup> A fenomenologia de Bachelard propõe uma relação entre representação do espaço habitado e representação do corpo. Partindo dessa proposta, podemos colocar a hipótese de que as transformações do modo de espacialização actual se encontram relacionadas com as modificações da concepção do corpo e, obviamente, com as modificações da noção de pessoa. No seguimento do texto tentaremos fazer essa articulação: a identificação dos elementos que constituem o modo de espacialização emergente será feita a partir da identificação (provavelmente mais fácil, dado o actual sobre-investimento no corpo) dos elementos do "modo de corporização" futuro.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

## ESPACIALIDADES DESAJUSTADAS

Os desajustes que observamos no modo de espacialização contemporâneo permitem duas leituras : a primeira considera que o desequilíbrio resulta do facto de existirem velocidades de transformação distintas - os modos de conceber e construir terão sofrido um processo de transformação mais rápido do que os modos de viver e de desejar -, enquanto a segunda considera que se verificam evoluções múltiplas e distintas dos modos de conceber, construir, viver e desejar o espaço. A primeira leitura prevê um reajuste que ultrapasse a ruptura entre as imagens e o espaço construído - nos termos de Ledrut, poderemos ultrapassar a "espacialidade esquizóide" e voltar a observar uma espacialidade "completa e unificada" -, enquanto a segunda nos força a conceber a existência de uma espacialidade complexa, que comporta a coexistência de múltiplas modalidades de espaço concebido, construído, vivido e desejado. Nesta segunda perspectiva, encontraremos sempre coincidências e não-coincidências entre as várias modalidades, que terão de ser avaliadas para cada grupo social ou mesmo para cada indivíduo, sendo as conclusões difíceis de generalizar. A observação da sociedade contemporânea aponta mais para uma realidade deste tipo - fragmentada e não unificada - do que para uma realidade "completa e unificada". Uma sumária observação empírica, baseada em alguns trabalhos sobre Lisboa, permite essa conclusão.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

É evidente que se pode falar de uma exterioridade das imagens relativamente ao espaço construído - a observação de muitos bairros modernos revela essa ruptura - mas não se pode afirmar que se trata de um fenómeno generalizado. O facto de na "Pantera-Cor-de-Rosa" <sup>3</sup> existir dissociação entre espaço desejado e espaço praticado (Cavaleiro 1991) não significa que também exista em Telheiras (Fonseca Ferreira 1990). O que muda não é tanto a forma física do *habitat*, mas o grupo social que o ocupa. Em Telheiras, as novas lógicas de concepção do espaço coincidiram com novas formas de o habitar, facto que não se terá verificado em Chelas. Por outro lado, e ao contrário da ideia corrente, a dissociação pode também encontrar-se nos espaços urbanos tradicionais. O fenómeno da *gentrification* (Rodrigues 1990) observou-se na década de 80 e consistiu no retorno de grupos sociais privilegiados (quadros, artistas e intelectuais) aos centros históricos de algumas cidades. Revelou duas dinâmicas distintas, ambas reveladoras de transformações significativas nos modos de espacialização dos grupos sociais que as desenvolveram. Os habitantes tradicionais dos bairros antigos (Alfama ou Bairro Alto) preferem frequentemente abandoná-los para viver em tranquilas cidades satélites, construídas a partir de modelos completamente estranhos àqueles que organizaram o espaço tradicional em que passaram uma grande parte das suas vidas. Pelo seu lado, os novos habitantes dos bairros antigos provocam alterações significativas na espacialização tradicional do *habitat*. Por detrás das fachadas preservadas a reabilitação pode transformar a forma do espaço (dimensão das divisões e sistema de relações entre elas) e transforma

---

<sup>3</sup> Designação autóctone do edifício de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, construído no bairro social de Chelas.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

invariavelmente a relação entre a forma e o conteúdo, dado que os géneros de vida (que comportam o imaginário e as práticas sociais) dos jovens que protagonizaram estes processos são substancialmente diferentes dos géneros de vida dos antigos habitantes dos centros históricos. Já para não falar nas imagens que permitem investir em espaços de armazéns, fábricas ou padarias para os transformar em casas vividas e desejadas. Nestes casos a alteração da relação forma/conteúdo é ainda mais radical.

Evitar a metáfora de Ledrut relativa ao "espaço esquizóide" parece-nos (apesar de lhe reconhecermos pertinência) um ponto de partida saudável. Em contraponto, e em analogia com a proposta de Le Breton (1990) que, para caracterizar o corpo contemporâneo, fala de "corpo melting pot", propomos a imagem do "espaço melting pot", um espaço que se organiza a partir da coexistência e da interacção entre diferentes modos de espacialização. Perceber essa coexistência será, antes de mais, identificar os modos de espacialização presentes.

#### UM ESPAÇO "MELTING POT"

Para um melanésio o corpo não se distingue da pessoa, é a própria pessoa. Ainda é mais do que isso : participa por inteiro de uma natureza que, ao mesmo tempo, o assimila e envolve (Le Breton 1990). A oposição essencial, relativamente à concepção ocidental de pessoa, reside, segundo Le Breton, na estrutura holista das sociedades tradicionais, onde o homem não é um indivíduo (quer dizer indivisível e distinto), mas um nó de relações. Trata-se de uma concepção clássica das sociedades tradicionais, passível de algumas críticas, mas correcta nas suas linhas gerais. Útil, sobretudo

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

quando concebida por oposição à concepção ocidental, baseada, ainda segundo Le Breton, em três rupturas essenciais: entre o sujeito e os outros (uma estrutura social de tipo individualista), entre o sujeito e o cosmos (as matérias-primas que compõem o corpo não têm qualquer correspondência no seu exterior), entre o sujeito e o seu próprio corpo (ter um corpo mais do que ser um corpo). A nova posição do corpo, que o autor classifica de "residual", iniciou-se no sec. XV, com as primeiras dissecações oficiais, e desenvolveu-se com a banalização destas nos séculos XVI e XVII. Nessa altura nasceu uma distinção radical: os anatomistas trabalhavam com um corpo que tinha, necessariamente, de ser concebido em ruptura com o sujeito que o havia possuído. Ficaram criadas as condições para conceber o corpo à imagem e semelhança de uma máquina. Exterior, controlável e manipulável pelo homem que o possui.

O processo que, segundo Ledrut, conduziu à formação do modo de espacialização hoje dominante, pode ser colocado em paralelo com o processo de aparecimento do corpo máquina. Em "*La révolution cachée*", Ledrut (1979) afirma que o modo de espacialização contemporâneo engendra um espaço infinito, contínuo, homogéneo, fechado e formal. Estas categorias traduzem-se numa prática social radicalmente diferente das práticas das sociedades tradicionais : o espaço é tratado como uma matéria neutra, passível de sofrer todas as modificações desejadas. Pensamos o espaço como qualquer coisa a que devemos dar forma e as nossas práticas sociais orientam-se nesse sentido. Num espaço homogéneo pode-se fazer qualquer coisa em qualquer lugar. É essa a lógica do plano de gabinete, que

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

opera com o apoio de mapas, instrumento de homogeneização por excelência.

O espaço tradicional não era assim: era não-homogéneo e estabelecia com a comunidade um laço indissociável. Uma casa, um templo ou uma fonte possuíam os seus lugares próprios. Trocá-los seria interferir com a estrutura da própria comunidade. O plano de uma aldeia estava sujeito a constrangimentos profundos que se relacionavam com a representação do cosmos, da sociedade e do espaço; realidades interpenetráveis que não podiam ser pensadas isoladamente. Essa relação define outra das suas características: tal como a comunidade, o espaço era fechado e, portanto, finito.

No espaço contemporâneo (pelo menos no espaço das acções técnicas) as coisas estabelecem entre si relações de exterioridade e é por isso que deslocar um templo nunca pode ser sinónimo de uma catástrofe. O modo de espacialização actual (das civilizações técnicas) "*symbolise la puissance de l'homme, est le signe et l'instrument de ses capacités infinies, donc forme de l'action et non matière*" (Ledrut 1990 : 113). Trata-se de um espaço infinito que pressupõe uma lógica de acção infinita, ou seja, pressupõe a ausência de limites teóricos para essa mesma acção <sup>4</sup>. Segundo Ledrut, este modo de espacialização é dominante na sociedade

---

<sup>4</sup> O mesmo se passa, em termos individuais, em relação ao corpo. O facto de o corpo ser, teoricamente, infinitamente manipulável, transforma-o num objecto privilegiado das nossas possibilidades de acção individual. Digamos que se trata das características dominantes da concepção ocidental do corpo. Mas não são as únicas. O cidadão comum possui, segundo Le Breton, um corpo *melting-pot* que resulta da coexistência entre concepções tradicionais e concepções modernas. Entre a aeróbica, os antibióticos, os medicamentos homeopáticos e as cirurgias plásticas constrói-se o corpo possível.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

contemporânea. Não é no entanto o único. Como dissemos, vivemos num espaço "melting pot", semelhante às colagens surrealistas ou ao trabalho do "bricoleur", referido por Lévi-Strauss (1962). Nele coexistem múltiplas imagens e múltiplos espaços exteriores. Já não são raras as pessoas que vivem entre o aeroporto, o quarto de hotel, o apartamento numa cidade satélite e a casa de campo. É provável que encontrem em todos estes lugares uma televisão, um telefone, um fax e um computador. Estes objectos conectam os lugares distantes e dão forma à unidade possível. O método é o mesmo das colagens: criar contiguidades entre fragmentos de universos distintos. A novidade está no facto de se tratar de contiguidades virtuais. Os espaços copresentes estão, na realidade, ausentes. A velocidade permite a aproximação de lugares distantes e os múltiplos *écrans* realizam o velho sonho da ubiquidade. É um paradoxo, mas o mundo expande-se e retrai-se ao mesmo tempo.

No campo disciplinar estrito da antropologia não foram muitos os autores que, recentemente, deram ao espaço o estatuto de objecto privilegiado. Entre eles destaca-se Marc Augé (1992) que, num pequeno livro intitulado *Non-Lieux*, questiona a antropologia contemporânea e, ao mesmo tempo, propõe linhas de abordagem compatíveis com aquilo que considera ser um novo objecto para a investigação antropológica: a "sobremodernidade" e os lugares que a caracterizam. Chama-lhes "não-lugares", por oposição aos lugares tradicionais, a que chama "lugares antropológicos". Estes últimos definem-se por três características: são geradores de identidade, relacionais e históricos. Isto significa que são lugares que produzem nos seus habitantes um efeito de identificação de si



Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

próprios (eu sou de...), e que esse efeito decorre, por um lado, do facto de se estabelecerem relações sociais entre os habitantes de um lugar e, por outro, do facto de existir uma memória colectiva do lugar que se actualiza através de narrativas e rituais. Os "não-lugares" são o contrário de tudo isso. Não são geradores de identidade, nem relacionais, nem históricos. São os lugares da individualidade solitária, da passagem e do efémero: aeroportos, auto-estradas e hipermercados. O viajante é a figura humana dessa nova configuração espacial. Viaja solitário em espaços que não são nem dele nem dos outros, mas onde, Augé concede, se sente livre. De quê? Dos constrangimentos da relação com os outros e da identificação com o grupo (ou seja, do "lugar antropológico").

Supomos que Marc Augé nunca visitou um hipermercado português ; se o fizer terá de modificar um pouco a sua teoria. Face ao espectáculo da comunhão consumista das famílias portuguesas pensará seguramente que um hipermercado até pode ser um "lugar antropológico". Mas a originalidade portuguesa serve exactamente para demonstrar o que defendemos: no mundo contemporâneo os "lugares antropológicos" coexistem com os "não-lugares" e as sociedades sujeitas a desenvolvimentos acelerados e temporalmente desconexos podem mesmo transformar "não-lugares" em "lugares antropológicos", apenas porque as estruturas tradicionais ainda têm força para o fazer (Neves e Silvano 1990).

Diríamos, para concluir, que provavelmente não estamos face a uma nova espacialidade dominante, mas antes face a uma nova modalidade de articular espacialidades que, quando estudadas isoladamente, revelam estruturas autónomas e distintas. Se há uma espacialidade dominante, ela

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

definir-se-á pelo facto de articular os diferentes componentes que a constituem numa modalidade que se caracteriza pelo dinamismo decorrente da mobilidade (Remy 1988, 1994a, 1994b e Silvano 1994a, 1994b, 1993, 1990). Se admitirmos que à multiplicidade de espaços corresponde uma variabilidade de práticas, de representações e de realizações do desejo (mantemos o conceito de "modo de espacialização" de Ledrut), teremos de considerar que ao indivíduo que os percorre (de forma real ou simulada) corresponde uma variabilidade psicológica, afectiva e social. O método da colagem não se aplica só ao espaço, aplica-se também à constituição do sujeito.

As alterações da noção de pessoa relacionam-se com outras transformações importantes, observáveis em vários níveis das sociedades contemporâneas. Por exemplo, as configurações familiares hoje são diversas (família mono-parental, pais divorciados, casais de homossexuais) e muito pouco estáveis. Associadas às novas formas de comunicação, resultam na elaboração de processos de identificação abertos, que não dependem apenas da família ou da comunidade restrita. Nalguns casos podem referir-se a personagens mediáticas, reais ou mesmo de ficção. Em termos espaciais, coloca-se aqui a questão da mobilidade simulada, que resulta da intervenção, no quotidiano, de formas diversas de representação de realidades ausentes. A questão será: como é que o espaço de referência se pode organizar a partir de uma simulação do real (imagens televisivas, cinematográficas ou literárias) e quais são as articulações possíveis entre esse espaço simulado e a acção dos sujeitos.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

Aquilo a que chamámos identidade (o indivíduo indivisível e distinto de que fala Le Breton) corresponde hoje a uma constelação de "identificações múltiplas" (Maffesoli, 1992). Como essa constelação não é unificada também não se encontra sujeita à tirania da coerência, tal como se podem percorrer vários espaços, também se podem assumir várias versões de si próprio.

## UM MUNDO PÓS-HUMANO

Para J. Deitch (1992), o mundo "pós-humano" é um mundo ainda em construção mas já claramente manifesto. A sua ideia de futuro é de uma nova etapa, em que a pós-humanidade se define pela possibilidade de reconstrução do eu. Numa primeira fase as técnicas "pós-humanas" permitem planear e produzir novos corpos. O corpo "pós-humano" deriva directamente da concepção do "corpo-máquina" proposta por Le Breton, é uma realidade a que não precisamos de nos sujeitar, um corpo conceito que podemos, sobretudo, modificar. Cirurgia plástica, reconstrução genética e implantes cerebrais de micro-processadores, são algumas das técnicas responsáveis por aquilo que Deitch não hesita em classificar como uma nova etapa da evolução (numa aproximação às teorias de Darwin). A consciência de que podemos agir sobre o nosso corpo, a nossa psicologia e a nossa imagem social leva-nos a conceber a possibilidade da constante reinvenção de nós próprios. É o segundo momento dessa evolução, em que tanto o

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

corpo como o eu se transformam em realidades conceptuais programáveis  
5.

Na sociedade contemporânea observa-se uma deslocação do investimento projectivo. Na impossibilidade de planear sociedades (e territórios) ideais o homem parece começar por projectar corpos, para depois projectar personagens e vidas ideais <sup>6</sup>. Essa deslocação para a esfera individual foi contemporânea do enfraquecimento das concepções de planeamento do território mais totalizantes. Depois das ainda recentes utopias modernistas (macro-escala), os técnicos do planeamento parecem concentrados em pequenas intervenções contextualizadas (micro-escala), enquanto os arquitectos recuam para o interior do seu campo disciplinar. Pode-se pensar que se trata de uma manifestação de crise. É provável. A ideia da existência de uma desvitalização do espaço é quase generalizada. Mesmo o cidadão comum sente que qualquer coisa está mal nas cidades contemporâneas, que não são globalmente atraentes e que muitos dos seus espaços são impraticáveis. Mas, e apesar de todas as evidências, podemos continuar a admitir um outro ponto de vista, aquele que evita a noção de crise. Esse encontrará, por exemplo, qualidades nas pequenas intervenções localizadas, que podem ser compatíveis, não com os "modos de

---

<sup>5</sup> Jane Fonda foi precursora dessa nova forma de constituição da identidade. Madonna e Michael Jackson são o resultado, uma geração depois, dessa nova dinâmica.

<sup>6</sup> Ainda no campo da produção artística contemporânea, refira-se Jeff Koons. A sua vida privada e afectiva, o casamento com Cicciolina e o posterior nascimento de um filho, foram sobre-determinados por um conceito. A ideia foi produzir, em simultâneo e sem mediações, uma vida e uma obra conceito. Essa ideia de inventar uma vida conceito transforma-o quase num pós-humano experimental.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

espacialização dominantes", mas com aqueles que dizem respeito, exactamente, ao local projectado. Na terminologia de Augé, aos "lugares antropológicos". Temos aeroportos, auto-estrada e hipermercados, mas não deixamos por isso de ter adros à volta das igrejas, bancos nos jardins e bares nos centros históricos das cidades . É isso o espaço "melting pot", um espaço construído à medida das diferenças localizadas.

Como pano de fundo, o ponto de vista positivo encontrará ainda uma espacialidade emergente mas não dominante, que se encontra em relação directa com um mundo também emergente. É difícil definir-lhe os contornos, mas podem-se avançar hipóteses. Tal como o corpo e o sujeito, o espaço será infinitamente manipulado e infinitamente reconstruído. A possibilidade de criação de espaços virtuais pode tornar este processo numa componente estrutural das novas espacialidade. O espaço poderá vir a ser uma realidade absolutamente conceptual, coisa que o corpo nunca conseguirá. A relação interior/exterior será radicalmente diferente. O espaço será materialmente fechado, mas essa forma material corresponderá a uma abertura virtual infinita. Fechado no seu quarto o homem estará mais aberto do que nunca ao mundo infinito que o rodeia. O conceito de mobilidade, real e simulada, será central para o entendimento dessa nova espacialidade.

Lisboa, 1994

#### BIBLIOGRAFIA (citada)

Augé, M.

1992, *Non-Lieux*, Paris, Seuil.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

Bachelard, G.

1957, *La poétique de l'espace*, Paris, PUF.

Cavaleiro, J.

1991, *Mobilidade e integração : contributo para o estudo das complexidades de um processo*, Lisboa, UNL (monografia).

Deitch, J.

1992, *Post Human*, Pully/Lausanne, FAE - Musée d'Art Contemporain.

Durkheim, E.

1960, *De la division du travail social*, Paris, PUF, (1ª ed. 1893).

Fonseca Ferreira

1990, "Uso e apropriação do alojamento em Telheiras", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa, LNEC-ISCTE.

Le Breton, D.

1990, *Anthropologie du corps et modernité*, Paris, PUF.

Ledrut, R.

1979, *La révolution cachée*, Paris, Casterman.

1990, L'homme et l'Espace in: *Encyclopédie de la Pléiade - Histoire des Mœurs*, Paris, Gallimard.

Lévi-Strauss, C.

1962, *La pensée sauvage*, Paris, Plon.

Maffesoli, M.

1992, *La transfiguration du politique*, Paris, Grasset.

Neves, J. e Silvano, F.

1990, "Enraizamento e cosmopolitismo : contributo para uma análise da recomposição urbana", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa, LNEC-ISCTE.

Remy, J.

1994a, "Vie sociale, réseau et métropole", in *Les faces cachées de l'urbain*, Berne, P. Lang.

Silvano, F., 2000, "Póst-Human: corpos e identidades, os novos objectos do plano", Pensar o ordenamento do território – ideias, planos, estratégias, Lisboa, UNL-FCSH-IPHI, (110,117).

1994b, "La ville : réseau alvéolaire et mobilité spatiale", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1988, *O espaço e a Sociologia*, entrevista de Filomena Silvano, in *Jornal de Letras*, 15.08.88.

Rodrigues, W.

1990, "«Gentrification» e emergência de novos modos de vida na cidade", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa, LNEC-ISCTE.

Silvano, F.

1994a, "Mobilités : projets de vie et projets d'espace" , in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1994b, "Gerir as Distâncias : Mobilidade e Recomposição Identitária", in *Antropologia Portuguesa*, Coimbra.

1993, "Sobre o efeito de composição da modernidade" e "A construção de uma casa", in *Antropologia Portuguesa, Práticas artísticas na modernidade*, vol.11, Coimbra.

1990, "L'émigration en tant que processus de déplacement et de recomposition de l'habitat", in *Sociedade e Território - Enjeux sociaux et transformations du territoire*, nº especial, Setembro, Lisboa.